



Formação Docente: Experiências Metodológicas, Tecnológicas e Práticas

Clécio Danilo Dias da Silva
(Organizador)

**Atena**
Editora
Ano 2021



Formação Docente: Experiências Metodológicas, Tecnológicas e Práticas

**Clécio Danilo Dias da Silva
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Formação docente: experiências metodológicas, tecnológicas e práticas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Clécio Danilo Dias da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F723 Formação docente: experiências metodológicas, tecnológicas e práticas / Organizador Clécio Danilo Dias da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-732-1

DOI 10.22533/at.ed.321211801

1. Formação de professores. 2. Formação docente. 3. Professor. 4. Graduação. I. Silva, Clécio Danilo Dias da (Organizador). II. Título.

CDD 370.71

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Ser um docente requer a existência de conhecimentos específicos, estratégias e métodos vinculados à atuação profissional em sala de aula. Esses aspectos são desenvolvidos e aprimorados durante a formação inicial em cursos de licenciatura. Nesse contexto, a formação docente se constitui no ato de formar um professor, educar o futuro profissional para o exercício do magistério. Envolve uma ação a ser desenvolvida com alguém que vai desempenhar a tarefa de educar, de ensinar, de aprender, de pesquisar e de avaliar. Contudo, na contemporaneidade, percebe-se uma carência de políticas públicas que assegurem aos docentes uma profícua formação, falta de incentivos financeiros para essa formação, capacitações frequentes, tampouco a valorização profissional.

Essa situação, tem se destacado nos últimos anos, o que possibilitou o desenvolvimento de grupos de estudos e criação de programas de pós-graduação nas universidades em todo o mundo, inclusive no Brasil, os quais fomentam as pesquisas e produções nos diversos aspectos relacionado Educação e a formação docente.

Dentro deste contexto, a coleção intitulada “Formação docente: Experiências Metodológicas, Tecnológicas e Práticas” tem como foco principal a apresentação de trabalhos científicos relacionados a formação inicial e continuada de professores. Os volumes abordam em seus capítulos de forma categorizada e interdisciplinar diversas pesquisas, ensaios teóricos, relatos de experiências e/ou revisões de literatura que transitam nas diversas áreas de conhecimentos tendo como linha condutora a formação docente.

Espera-se que os volumes relacionados à essa coleção subsidiem de forma teórica e prática o conhecimento de graduandos, especialistas, mestres e doutores e todos aqueles que de alguma forma se interessam por estudos envolvendo a formação docente. Para finalizar, parabênizo a iniciativa e estrutura da Atena Editora, a qual proporciona uma plataforma consolidada e confiável para que pesquisadores de diversas localidades do país divulguem suas produções científicas.

Desejo a todos uma boa leitura!

Clécio Danilo Dias da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POR UMA PRÁTICA DOCENTE CRÍTICA	
Verônica Pereira de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.3212118011	
CAPÍTULO 2	9
PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
Cláudia Regina Paese	
Ana Lucy Martins Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.3212118012	
CAPÍTULO 3	17
FORMAÇÃO DOCENTE, PENSAMENTOS INDÍGENA, DE(S)COLONIAL E FILOSOFIAS AFRICANAS NA DISCIPLINA FILOSOFIA DO CURSINHO POPULAR DARCY RIBEIRO	
Heiberle Hirsberg Horácio	
DOI 10.22533/at.ed.3212118013	
CAPÍTULO 4	28
A APLICABILIDADE DA LEI FEDERAL 10639/03: DESAFIOS E POSSIBILIDADES – A EXPERIÊNCIA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTOS/SP	
Sandra Regina Pereira Ramos	
Adriana Negreiros Campos	
DOI 10.22533/at.ed.3212118014	
CAPÍTULO 5	39
DISPUTAS PELA LIBERDADE DE ENSINO: ENTRE O CONSERVADORISMO E A AUTONOMIA PEDAGÓGICA	
Viviane Merlim Moraes	
Sílvia Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.3212118015	
CAPÍTULO 6	52
FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES PARA A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS	
Lidnei Ventura	
Klalter Bez Fontana	
Grasiele Cristina Schumann	
DOI 10.22533/at.ed.3212118016	
CAPÍTULO 7	64
CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO DAS DISSERTAÇÕES E TESES PUBLICADAS A PARTIR DE 2003 NA BIBLIOTECA DIGITAL DO IBICT	
Renato Barros de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.3212118017	

CAPÍTULO 8	76
FORMAÇÃO DOCENTE E FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL Leandro dos Santos Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho DOI 10.22533/at.ed.3212118018	
CAPÍTULO 9	90
CADASTRAMENTO DOS DISCENTES MEDIANTE A POLÍTICA DE COTAS PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS. A POLÍTICA DE COTAS PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS: ACOLHIMENTO E CADASTRAMENTO DOS DISCENTES Flávia Silva Rocha Fabiana de Oliveira Lobão Ronise Nascimento de Almeida DOI 10.22533/at.ed.3212118019	
CAPÍTULO 10	99
EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO PORTAL DO PROFESSOR DO MEC: ARTICULAÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA ESCOLAR Liliane dos Guimarães Alvim Nunes Sílvia Maria Cintra da Silva Márcia Helena da Silva Melo DOI 10.22533/at.ed.32121180110	
CAPÍTULO 11	113
A PROBLEMÁTICA DO BULLYING NA ESCOLA: REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A GESTÃO E A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA Lucyvânia D'arc Duarte Ribeiro Raimunda Rita de Cássia Nascimento Silva Sandra de Sousa Duarte DOI 10.22533/at.ed.32121180111	
CAPÍTULO 12	121
A PRÁTICA DOCENTE EM UM CURSO TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO: UMA PROPOSTA DE REVISÃO CURRICULAR Josemar Soares Carvalho Katia Gonçalves Castor DOI 10.22533/at.ed.32121180112	
CAPÍTULO 13	132
A CONSCIÊNCIA FONÊMICA COMO PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO NO PROGRAMA ALFA E BETO: UMA VISÃO DA PRÁTICA DOCENTE Wellington Carvalho de Arêa Leão Sílvia Carvalho de Almeida Santos Josélia Maria da Silva Farias Islane Silva de Sousa DOI 10.22533/at.ed.32121180113	

CAPÍTULO 14.....	150
A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DA ATIVIDADE DE PESQUISA NO PARFOR E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA INSERÇÃO DE TRABALHOS COM PERIÓDICOS	
Aline de Carvalho Moura	
Joyce da Costa Lima	
DOI 10.22533/at.ed.32121180114	
CAPÍTULO 15.....	156
LITERACIA DIGITAL DOCENTE: COMPETÊNCIA ADQUIRIDA NA FORMAÇÃO DE PROFESSOR POR MEIO DO <i>M-LEARNING</i>	
Andréia Cristina Nagata	
Paulo Rurato	
Pedro Reis	
DOI 10.22533/at.ed.32121180115	
CAPÍTULO 16.....	167
TECNOLOGIAS DIGITAIS E A ESCOLA DO FUTURO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES	
Marcelo Messias Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.32121180116	
CAPÍTULO 17.....	185
REFLEXÕES SOBRE O USO DO <i>YOUTUBE</i> EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
Alessandro Segala Romano	
Rosália Maria Netto Prados	
DOI 10.22533/at.ed.32121180117	
CAPÍTULO 18.....	195
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO SUPERIOR: DISCUSSÕES FRENTE AOS PARADIGMAS DE EDUCAÇÃO PARA TODOS	
Etiene Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.32121180118	
CAPÍTULO 19.....	206
MESTRADO PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO DE DOCENTES E PRECEPTORES DA ÁREA DA SAÚDE: A PRÁTICA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO	
Rosana Brandão Vilela	
Adenize Ribeiro	
Nildo Alves Batista	
DOI 10.22533/at.ed.32121180119	
CAPÍTULO 20.....	220
MEMÓRIAS (DE) EDUCADORAS: OS PERCURSOS QUE NOS FIZERAM SER QUEM SOMOS E A NOVA SITUAÇÃO EDUCACIONAL	
Paula de Camargo Penteadó	
DOI 10.22533/at.ed.32121180120	

CAPÍTULO 21.....	234
PROME: MEDIAÇÃO ENTRETURMAS NA INTEGRAÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UERJ	
Deborah Isabel Taboada Carballo	
Florence Mendez Casariego	
Lais Ferreira	
Luciana Velloso	
Luiza Helena Rizzo	
DOI 10.22533/at.ed.32121180121	
CAPÍTULO 22.....	243
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA TRABALHAR NOS CURSOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Janete Otte	
Jair Jonko Araújo	
Miguel Alfredo Orth	
DOI 10.22533/at.ed.32121180122	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	257
ÍNDICE REMISSIVO.....	258

A CONSCIÊNCIA FONÊMICA COMO PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO NO PROGRAMA ALFA E BETO: UMA VISÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Data de aceite: 04/01/2021

Data da submissão: 25/11/2020

Wellington Carvalho de Arêa Leão

Centro de Educação Aberta e a Distância da
Universidade Federal do Piauí
Teresina - Piauí
<https://orcid.org/0000-0002-1502-8685>

Sílvia Carvalho de Almeida Santos

Faculdade Evangélica do Piauí
Teresina - Piauí
<https://orcid.org/0000-0002-8961-3959>

Josélia Maria da Silva Farias

Universidade Federal do Piauí
Teresina - Piauí
<https://orcid.org/0000-0002-2392-2628>

Islane Silva de Sousa

Instituto de Ensino Superior Múltiplo
Timon - Maranhão
<https://orcid.org/0000-0001-7611-5873>

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma visão docente a respeito da utilização da consciência fonêmica como prática de alfabetização em um programa adotado pela rede municipal de ensino da cidade de Teresina/PI, em uma amostra feita no Centro Municipal de Ensino Infantil – Menino Jesus. Nessa espreita, procurou-se, durante o desenvolvimento da investigação, verificar o nível de compreensão e opinião formada pelas docentes, concernentes à proposta do Programa Alfa e Beto, além disso, apresentar os elementos que facilitam

e dificultam o processo de alfabetização no programa. Para isso, foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas semiestruturadas auferidas para quatro professoras que lecionam no programa até três anos e praticam as diretrizes pedagógicas proposta pelo Instituto Alfa e Beto. A principal base teórica que alicerça este estudo está em Kleiman (1995), Soares (2018), e Oliveira (2004, 2005, 2008, 2010a, 2010b, 2011). Constatou-se a insatisfação por grande parte das professoras analisadas, quando à imposição feita pelo programa e/ou secretaria de educação, além da mecanização e rigidez das atividades propostas no material didático ofertado. Dessa maneira, esta investigação aponta para possíveis adequações ao programa em relação a sua aplicabilidade a distintas realidades escolares, facilitando, assim, a aplicabilidade docente em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Método fônico, Prática docente, Programa Alfa e Beto.

PHONEMIC AWARENESS AS A LITERACY PRACTICE IN THE ALPHA AND BETO PROGRAM: A VISION OF TEACHING PRACTICE

ABSTRACT: This work aims to present a teaching vision about the use of phonemic awareness as a practice of literacy in a program adopted by the municipal education network of the city of Teresina / PI, in a sample made at the Municipal Center of Infant Education - Child Jesus. During this research, it was sought to verify the level of understanding and opinion formed by the teachers, concerning the proposal of the Alfa and Beto Program, and to present the elements that

facilitate and make difficult the literacy process in the program. For that, a questionnaire was used as data collection instrument with semi-structured questions obtained for four teachers who taught in the program up to three years and practice the pedagogical guidelines proposed by the Alfa and Beto Institute. The main theoretical basis for this study in Kleiman (1995), Soares (2018), e Oliveira (2004, 2005, 2008, 2010a, 2010b, 2011). It was observed the dissatisfaction by a great part of the teachers analyzed, when the imposition made by the program and/or education secretary, besides the mechanization and rigidity of the activities proposed in the didactic material offered. Thus, this research points to possible adjustments to the program in relation to its applicability to different school realities, thus facilitating the applicability of teachers in the classroom.

KEYWORDS: Fonic method, Teaching practice, Alfa e Beto Program.

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de uma análise ao programa de alfabetização adotado pela rede municipal de ensino da cidade de Teresina, estado do Piauí, e sua aplicabilidade docente para alunos em idade de alfabetização, programa nomeado de “Alfa e Beto”, promovido pelo IAB – Instituto Alfa e Beto.

Esse programa prima pela aquisição da leitura da palavra por meio dos seus fonemas. Assim, utiliza um manual de consciência fonêmica que faz parte das diretrizes prestadas ao professor alfabetizador e um livro de atividades, o qual é distribuído para o aluno, no qual possui atividades práticas, com estrutura sequenciada, cuja finalidade é contribuir com os educadores e pais, no auxílio à criança em processo de alfabetização, durante a aquisição da linguagem e descoberta dos significados do mundo por meio da leitura e da escrita.

Dessa forma, surge o seguinte questionamento: será que o programa IAB é referência didática capaz de dar suporte ao professor das séries iniciais durante o ensino do processo de aquisição da linguagem a seus alunos? Em virtude dessa problematização, surgem algumas questões norteadoras, estas são: há práticas no programa que podem ser melhoradas para agilizar o processo de aquisição da linguagem dos alunos mediante a consciência fonêmica? Quais as dificuldades encontradas pelos professores durante a aplicabilidade do programa concernente ao processo de aquisição da linguagem? A metodologia utilizada no programa pode ser uma solução viável para as práticas de leitura e de escrita?

Nessa perspectiva, a escolha do tema foi motivada pelas presenças de críticas que o programa em estudo recebe constantemente por alguns pesquisadores, docentes, administradores e demais pessoas envolvidas de forma direta ou indiretamente na alfabetização de crianças.

O principal objetivo é analisar a existência de práticas que sejam capazes de contribuir para o programa em estudo, durante o processo de aquisição da linguagem na fase de alfabetização, mediante a consciência fonêmica. Como objetivos específicos é

necessário identificar o nível de satisfação/insatisfação dos educadores que se utilizam do programa; observar se a prática docente e os resultados são satisfatórios e verificar se o docente é assistido por formações continuadas que nivelam a aplicabilidade do programa a nível municipal.

O trabalho surgiu do interesse dos autores, após experiências vivenciadas em sala de aula como professores do programa em estudo, no CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil “Menino Jesus”.

2 I ALFABETIZAÇÃO: DEFININDO OS CONCEITOS

Há quase três séculos nasceu o modelo escolar de alfabetização, em 1789 na França, após o evento histórico intitulado de Revolução Francesa. A partir disso, há a transformação de crianças em alunos, os quais aprendem a escrever e a ler.

O surgimento da alfabetização no Brasil, como sugere Mortatti (2006), revela-se como a trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, conseqüentemente, metodológicas.

Dentro da discussão existente sobre métodos, em meados de 1920, conforme Mortatti (2006), a alfabetização se resumia ao “ensino inicial da leitura”, uma vez que o ensino inicial da escrita se destinava a questões relacionada à caligrafia, uma questão de treino mecânico aplicado mediante o uso de exercícios de cópias, não obstante, no meio dessa celeuma, o termo “alfabetização começa a ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita” (MORTATTI, 2006, p. 8).

Nessa perspectiva, até 1940 considerava-se alfabetizadas as pessoas que se declaravam saberem ler e escrever, demonstrando essas habilidades na assinatura de seu próprio nome. Com o decorrer dos anos, a forma de constatar se um cidadão era alfabetizado sofreu mudanças, e nos anos de 50, considerava-se alfabetizados “aqueles que diziam serem capazes de ler/escrever um bilhete simples” (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2004, p. 61).

Hodiernamente, e concordando com as pesquisas feitas pelos autores mencionados, a simples conclusão de que a alfabetização é um aprendizado do uso da leitura e da escrita torna a essência desse conceito superficial, no entanto é sugerido associá-la ao termo letramento, já que essas duas habilidades cooperam para o bom aprendizado.

Na visão de Soares (2003):

Alfabetizar é dar condições para que o aluno tenha acesso ao universo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas propiciar as habilidades de codificação e decodificação do princípio da escrita, e, sobretudo, de fazer uso real e certo da escrita, com todas as funções que ela apresenta em nossa sociedade e como ferramenta na luta pela conquista da cidadania (SOARES, 2003, p. 201).

A alfabetização é uma prática que se constrói com a participação de sujeitos cognitivos. Constitui-se de um processo capaz de transformar os homens em seres críticos e leitores do mundo.

Nessa mesma linha de pensamento, Kleiman (1995, p. 13) trata a alfabetização como um “conjunto de saberes” auferidos sobre a decodificação da língua. A autora menciona da capacidade que o aprendiz tem ao aprender as primeiras letras de absorver cognitivamente a linguagem. Já Albuquerque (2007) trata a alfabetização “como o ensino das habilidades de codificação e decodificação” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 11).

Os aspectos relacionados à forma de tratamento da alfabetização como “habilidade de codificação e decodificação” causaram frustração no início do século XX, nas experiências vivenciadas em salas de aulas brasileiras, como apresentado por Albuquerque (2007), uma vez que os professores se utilizavam de trabalhos de cópia e memorização e do uso das chamadas “cartas de ABC”.

Uma compreensão do conceito de alfabetização é bastante pertinente para este estudo, e está alicerçado na perspectiva de Moraes e Oliveira (2015), os quais afirmam que:

Alfabetizar significa apropriar-se do código alfabético, ser capaz de usar as regras do código para identificar as palavras e associá-las com o seu sentido. Alfabetizar inclui o ensino explícito de algumas habilidades: o conhecimento das letras; habilidades fonológicas - especialmente a consciência dos fonemas; e habilidades de decodificação fonológica, ou seja, o mapeamento dos fonemas em grafemas. A compreensão do que se lê decorre da capacidade de compreensão oral, que antecede o processo de alfabetização e lhe é totalmente independente (MORAES; OLIVEIRA, 2015, p. 7-8).

A apropriação da leitura e da escrita alfabética e o uso dessas linguagens nos diversos contextos sociais são evidências da capacidade alfabetizadora adquirida pela criança, uma vez que, caso o aluno consiga manter uma relação de consciência dos fonemas de sua língua, além disso consegue representá-los graficamente, já lhe dá garantia de ampliação da sua capacidade cognitiva da linguagem.

A alfabetização trouxe possibilidades para aqueles que não tinham nenhuma dificuldade de interpretação dos signos linguísticos, não obstante causou uma problemática que foi criada na década de 80, devido ao surgimento do conceito de analfabetismo funcional, termo que caracteriza aquelas pessoas desprovidas da capacidade de codificação e decodificação do uso da escrita em diversos contextos sociais, em conformidade com o que diz Albuquerque (2007).

Diferentemente de outros saberes, sabe-se que a alfabetização, na maioria das vezes, realiza-se em espaços destinados para isso, com profissionais capacitados e que se utilizem de uma sistemática ideal para a decodificação do código alfabético.

É na visão de Tfoni (2006) que a alfabetização ganha duas formas distintas, uma apresentada pela autora como um processo adquirido individualmente, conforme a

aquisição de suas leituras e escritas, a outra como representação e decodificação dos objetos da natureza.

Dessa maneira, taxar a alfabetização como uma prática de caráter finito e acabado é menosprezar a evolução linguística inerente aos seres, uma vez que esse processo perpassa todas as fases da vida humana e está estritamente ligado ao seu desenvolvimento social.

Portanto, entende-se que o trabalho do professor deve ultrapassar as barreiras da leitura e da escrita vistas até mesmo como instrumentos tecnológicos e representadas também na folha do papel, visto que se deve contribuir para o desenvolvimento dos alunos em todas as suas dimensões, e dar a ele suporte para que possam auferir leitura críticas nas relações sociais do mundo moderno.

3 | O PROGRAMA ALFA E BETO

Criado pelo psicólogo e estudioso de assuntos educacionais João Batista Araújo e Oliveira, o Instituto Alfa e Beto (IAB) foi inaugurado no ano de 2006, entretanto, somente em 2008, com a divulgação de uns resultados de testagem, houve destaque do instituto por alcançar o maior índice de acertos em uma prova envolvendo conhecimentos de leitura e escrita no “Projeto piloto para alfabetização de crianças aos seis anos”, aplicado a seiscentas turmas de 1º ano durante o ano de 2007, conforme se verifica em Camini (2010).

O programa foi estruturado com o objetivo de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, com vistas em ajudar alunos com deficiências relacionadas ao desenvolvimento de habilidades e competências esperadas para a fase de alfabetização. Baseia-se em estudos da Psicologia Cognitiva da Leitura, cujos resultados fundamentam-se na compreensão dos processos referentes à aquisição da linguagem.

O objetivo do programa gira em torno de garantir que todos os alunos adquiram domínio do nível básico de fluência da leitura e da escrita, as quais aumentam as chances de avançar com sucesso na vida escolar e concluir os estudos na idade certa.

Além de principiar os seus estudos, mencionando que há um equívoco em relação ao processo de alfabetização, a qual aduz que ler não é sinônimo de compreender (para ele o ato de ler é a capacidade de identificar automaticamente as palavras), Oliveira (2004) introduz assim na obra citada:

A maioria dos leitores vai se surpreender com os conceitos, informações e implicações apresentados neste livro. Eles se contrapõem, quase que frontalmente, ao que é veiculado em documentos oficiais como os PCNs de Alfabetização [...], em livros e publicações disponíveis nas bibliotecas universitárias e usadas em cursos de formação e de capacitação de alfabetizadores (OLIVEIRA, 2004, p.13).

O autor justifica uma prévia reação dos leitores da sua obra por conta do nosso país não ter familiaridade com alguns conceitos abordados no seu estudo, e que “[...] os métodos

fônicos são usados em praticamente todos os países de língua alfabética da Europa e em todos os países de língua inglesa ao redor do mundo” (OLIVEIRA, 2004, p. 59).

Vale ressaltar que, o programa em estudo possui características que enfatizam o ensino na relação entre os sons e as letras e a reflexão sistemática e organizada sobre esses sons.

Os conceitos ora apresentados do *site* oficial do IAB são de grande importância para a compreensão de algumas concepções que são abordadas nos manuais para professores, facilitando a sua familiaridade com o programa, no objetivo de ajudar o docente em sua prática.

4 | MATERIAL DIDÁTICO DO IAB ADOTA PELO CMEI – MENINO JESUS

Dentre os diversos materiais disponíveis no site de vendas do IAB (www.alfabetosolucoes.org.br), os quais são distribuídos nestas categorias: didáticos (73), paradidáticos (75), literatura infantil (88), professores e gestores (22) e jogos digitais e softwares (4), seis destes livros fazem parte do material didático adotado pela escola pesquisada, são estes:

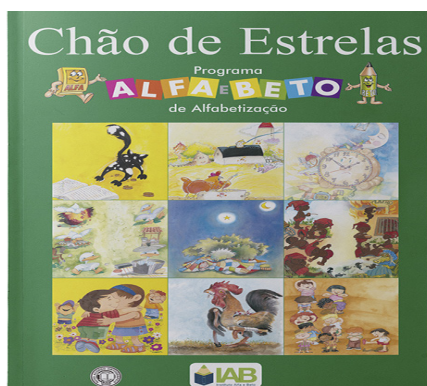


Figura 1 – Livro Chão de Estrela (Livro Gigante)

Fonte: www.alfabetosolucoes.org.br

O formato gigante do livro Chão de Estrela estimula adultos e crianças a se sentarem no chão, deixando-se fascinar pela magia das histórias e ilustrações. Feitos para a leitura compartilhada – em casa ou na escola – os livros gigantes começam a ser usados na primeira infância e se estendem até o início do processo de alfabetização.

Chão de Estrelas inclui 20 textos ricamente ilustrados e tem três funções principais: desenvolver habilidades no manuseio de livros; desenvolver vocabulário, atitudes e comportamentos necessários ao trabalho escolar; desenvolver a consciência fonêmica.

Muitas leituras também proporcionam o desenvolvimento de outras atividades como contagem, música, dança, canto ou exploração do folclore (OLIVEIRA, 2010b).

O livro ora apresentado está disponível em unidade para cada turma na escola pesquisada, no qual ilustra estórias infantis correspondente a cada atividade semanal estudada no “Meu Livro de Atividades” (Figura 3). Como forma de auxiliar nas atividades lúdicas dos alunos, tal livro possui um Manual do Professor.

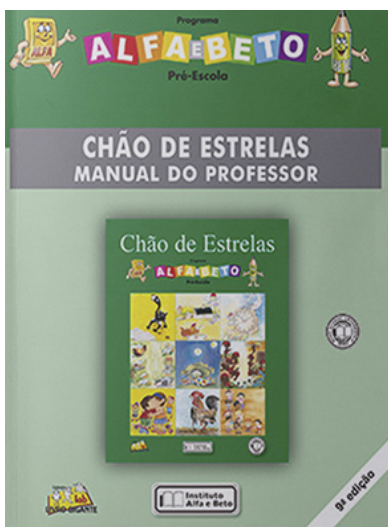


Figura 2 – Chão de Estrela (Manual do Professor)

Fonte: www.alfabetosolucoes.org.br

O Manual do Professor do Chão de Estrelas traz orientações claras e precisas sobre como explorar as 20 leituras do livro, as quais têm três funções principais: (1) desenvolver habilidades no manuseio de livros; (2) desenvolver vocabulário, atitudes e comportamentos necessários ao trabalho escolar e (3) desenvolver a consciência fonêmica – habilidades preparatórias essenciais para o processo de alfabetização (OLIVEIRA, 2010b).

Outros livros adotados naquele Centro Municipal de Educação Infantil são aqueles intitulados de Meu Livro de Atividades, estes correspondem a uma coleção de livros que se destina a crianças de cinco anos de idade, tipicamente matriculadas em turmas de Pré-II (em dois volumes). Trata-se de um recurso riquíssimo para desenvolver todas as habilidades que devem integrar um currículo de pré-escola.

Os dois livros desta coleção contêm 480 atividades. Cada página corresponde a algumas horas de atividade: tarefas que precedem a leitura, a leitura em si, tarefas posteriores à leitura, orientações para a execução das atividades. Além disso, há sugestão de atividades adicionais para crianças que precisam de ajuda e também para crianças que respondem a desafios mais avançados.

Os livros são para uso individual do aluno, no entanto, na escola pesquisada, só podem ser usados os seus livros em sala de aula e as atividades são feitas após explicação da professora alfabetizadora.

Outra particularidade encontrada no CMEI – Menino Jesus foi a unificação da coleção Meu Livro de Atividades, que são utilizados tanto para as turmas de Pré-I, como para as de Pré-II (o primeiro volume é utilizado no primeiro semestre e o segundo no segundo semestre), no entanto, sabe-se que, para aquela turma há outra coleção destinada e adequada àquela faixa etária.



Figura 3 – Meu Livro de Atividades (Pré-II)

Fonte: www.alfaabetosolucoes.org.br

Um livro destinado para a abertura da imaginação da criança por meio das cores é o Meus Primeiros Traços. Trata-se de uma obra de arte voltada para introduzir a arte na pré-escola. O livro convida a criança a explorar o mundo e descobrir nele as formas e cores.



Figura 4 – Meus Primeiros Traços

Fonte: www.alfaabetosolucoes.org.br

Tal livro contém 43 atividades articuladas em uma estrutura e sequência adequada para ajudar a criança a compreender os conceitos básicos de linhas, formas e cores necessários para produzir e analisar uma obra de arte. As atividades estimulam a imaginação da criança e a levam a interagir com os estímulos já presentes no livro, participando da criação de uma história ou de uma atividade.

Abrindo a seção de livros de atividades que podem ser levados para as casas dos alunos, já que neles contém atividades para serem resolvidas extras-classe, vejamos os livros Grafismo e Caligrafia:



Figura 5 – Livro Grafismo e Caligrafia – Letras de Forma

Fonte: www.alfaebetosolucoes.org.br



Figura 6 – Livro Grafismo e Caligrafia – Letras Cursivas

Fonte: www.alfaebetosolucoes.org.br

A coleção Grafismo e Caligrafia é composta de três livros e constitui um programa completo de desenvolvimento das habilidades da escrita de letras de forma e cursiva. É indicado para crianças a partir de 6 anos de idade e pode ser utilizado em escolas, em casa ou em atividades recreativas.

Dessa forma, mesmo sabendo da composição dessa coleção, o centro analisado não adotou todos os livros, visto que não se viu a professora utilizar um livro que se trata da parte introdutória do grafismo.

Mesmo assim, é bom se que ressalte das características dos livros adotados, tendo em vista que o Letras de Forma tem como objetivo iniciar o desenvolvimento da escrita das letras de fôrma e o Letras Cursiva tem como objetivo iniciar o desenvolvimento da escrita da letra cursiva. Assim, essa coleção pretende recuperar e fortalecer a tradição do cuidado com a escrita, oferecendo às crianças em idade pré-escolar e de alfabetização uma forma lúdica e atrativa de aprender a escrever de modo claro, legível e fluente.

Por fim, outro manual utilizado naquela escola é o de consciência fonêmica. Constitui-se de orientações didáticas destinadas a professores de pré-escola e séries iniciais (alfabetização). Ele apresenta um conjunto de atividades lúdicas para desenvolver a consciência fonêmica, isto é, para ajudar as crianças a entenderem a relação entre os fonemas e grafemas.



Figura 7 – Manual de Consciência Fonêmica

Fonte: www.alfaebetosolucoes.org.br

A proposta pedagógica do Programa Alfa e Beto de Alfabetização – e também de Língua Portuguesa – tem como base a dualidade aprender a ler e ler para aprender. Durante o processo de alfabetização, o componente “aprender a ler” é desenvolvido mais fortemente. Para isso, os materiais ajudam a criança a avançar em três aspectos fundamentais:

- 1- **Aquisição do princípio alfabético** – ser capaz de entender que as letras representam os sons da fala e que a palavra é uma forma de representação

dos objetos ou ideias, embora diferente de desenhos ou outros símbolos; 2- **Decodificação** – aprender que o código alfabético representa os fonemas da língua por meio de grafemas – letras individuais ou dígrafos. A criança passa a identificar o valor sonoro da letra e usar esse conhecimento para “decifrar” ou “decodificar” o que está escrito; 3- **Fluência de leitura** – depois de decodificar, a criança passa a reconhecer palavras automaticamente e ler com fluência (OLIVEIRA, 2010a, p. 5 – grifos nosso).

Em análise, fica claro que, o manual citado não vai tratar de todos os desafios do alfabetizar, mas do primeiro – o princípio alfabético -, já que é papel da consciência fonêmica fazer com que o aluno seja capaz de identificar os segmentos de som formadores da palavra, segmentos estes menores e componentes de uma sílaba.

No próximo tópico será estudado, de forma mais detalhada, sobre em que nível de consciência este estudo está alicerçado.

5 I CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA OU CONSCIÊNCIA FONÊMICA: UMA RELAÇÃO CONCEITUAL

Sempre que se estuda o termo consciência fonêmica gera uma dúvida conceitual em relação a outro termo de definições parecida, que é o da consciência fonológica.

Para título de registro, os estudos sobre a consciência fonológica, segundo os achados de Soares (2018), surgiram a partir da necessidade de se separar, durante o processo de aquisição da língua oral da criança, a dicotomia do signo linguístico já definido no século XX pelos estudos de Ferdinand de Saussure, o que ele chamou de significante e significado.

Foi a partir dos meados de 1970 que se evidenciou a importância da compreensão dessa relação apresentada, no objetivo de se chegar ao princípio alfabético, por meio do desenvolvimento da habilidade das cadeias sonoras da fala a seu conteúdo semântico, para que se possa segmentar a palavra falada a seus constituintes sonoros. (SOARES, 2018).

Em primeira análise, a **consciência fonológica** possibilita a reflexão sobre os sons da fala, o julgamento e a manipulação da estrutura sonora das palavras. Mediante tal consciência, identifica-se palavras que rimam, começam ou terminam com os mesmos sons e são capazes de manipular a estrutura sonora para a formação de novas palavras.

Por isso, na visão de Moojen *et al.* (2003):

A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor) (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 11).

Fica clara a abrangência da capacidade de reflexão da linguagem no concernente à aquisição da consciência fonológica, que gira em torno de refletir e operar os diversos níveis de complexidade linguística (consciência de rimas e aliterações, consciência de sílabas e consciência de fonemas), facilitando, assim, no processo de leitura e escrita alfabética, além de ajudar na apreensão de competências futuras para a compreensão e para a capacidade da criança de produzir textos.

Em segunda análise, a consciência fonêmica corresponde a um dos níveis da consciência fonológica, aquele que permite a identificação que as palavras são compostas por fonemas, ou seja, pelas menores unidades de som que podem mudar o significado de uma palavra.

Diante do exposto, enquanto a consciência fonêmica tem limitação de estudar apenas um nível da complexidade linguística: a relação entre som e letra, por outro a consciência fonológica designa a segmentação de todos os níveis da fala: a palavra, as rimas e aliterações, as sílabas e os elementos intrassilábicos, os fonemas. (SOARES, 2018).

É mediante a consciência fonêmica que o indivíduo se torna capaz de fazer a leitura dos sons das palavras, conhecendo as letras e seus respectivos significados, o que leva a uma prática decodificadora das coisas e de sua construção como indivíduo social.

Para Oliveira (2010a), o aluno que adquire esse tipo de consciência não pensa que as palavras são desenhos, evitando que as palavras sejam decoradas. É somente por meio da consciência a respeito dos fonemas que se permite adquirir o princípio alfabético, um largo passo para o sucesso no processo de alfabetização.

Nessa espreita, para que esse processo seja direcionado ao aluno de forma clara e satisfatória, o professor alfabetizador precisa seguir alguns padrões, estes determinados pelo Programa Alfa e Beto, que faz um planejamento semanal dos fonemas e dos exercícios a serem trabalhados.

Nesse programa o processo de alfabetização proposto consiste em fazer com que a criança entenda:

[...] que a palavra é formada por letras, e que cada letra tem um valor sonoro. Ou seja, que existe uma correspondência entre sons e letras, entre fonemas e grafemas. Se muda a letra, muda o som e muda a palavra. Isso se chama descobrir o princípio alfabético. (OLIVEIRA, 2011, p. 21-22).

No programa em análise, mediante o auxílio de pesquisas sobre a alfabetização, que a consciência fonêmica capacita as crianças a lerem as palavras de forma compreensiva, além de ajuda-las a escreverem corretamente. Para Oliveira (2008), essa consciência consiste na decodificação dos sons pertencentes à palavra, pois se trata da capacidade utilitária de pensar e brincar com os sons e acrescer a eles o valor mental correspondente a sua palavra.

6 | ANÁLISE DE DADOS

Nesta pesquisa o *corpus* é composto por uma amostra de quatro professoras graduadas em pedagogia que lecionam em turmas do Pré-I ao 1º ano do CMEI – Menino Jesus, uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Teresina. Essas professoras, conforme questionário fechado aplicado, possuem um tempo em sala de aula, atuando no Programa Alfa e Beto, entre três anos e cinco anos, os quais são suficientes para a formação de pelo menos uma turma de alfabetização.

Dentre as quatro professoras inseridas na amostra, duas delas se mostraram insatisfeitas com os níveis de desenvolvimento e com os resultados do programa, com as capacitações e exigências impostas pela secretaria; uma se mostrou indiferente e outra satisfeita com as diretrizes ofertadas pelo IAB.

Sabe-se que, o programa em estudo possui uma metodologia fechada que direciona o professor a cumprir tarefas estipuladas tanto pelo programa, como pela secretaria em que o docente esteja vinculado, por meio de capacitações, assim, foi perguntado às professoras quais seriam as suas opiniões quanto a relação existente entre o tripé: programa, Secretaria Municipal de Educação (Semec) e professor, vejamos algumas respostas:

Professora A - Pré-I e Pré-II:

Pode ser que o programa dê certo em outras realidades. Eles fazem simulações em salas com dez crianças, nossa realidade é vinte e cinco, lá as crianças são treinadas, as nossas indisciplinadas. Da forma que, a Semec nos apresenta ainda o que é pior, pois o material não é compatível com a idade das crianças, muitas vezes, no fim do ano, a Semec nos cobra um resultado que, se seguirmos somente o programa, não atingiremos, e mesmo sem o programa nos dar abertura de nada, temos que inserirmos outras atividades para que as crianças alcancem o objetivo proposto pela secretaria.

Professora B - Pré-I e 1º ano:

Da forma como é colocado, o programa deixa a aula mecanizada, e nós professores sabemos que toda turma é heterogênea e os alunos têm seu tempo de aprendizado que nunca é igual. E o sistema (Semec) impõe tudo de forma mecanizada, com o intuito de resultados a qualquer custo, e sabemos que trabalhar com criança não pode ser dessa forma.

Conforme a visão das professoras mencionadas, a forma como programa é imposto para elas se torna inadequado à realidade dos alunos em sala de aula, e isso se dá pela incompatibilidade e rigidez do material fornecido, fazendo com que produzam resultados manipulados.

Na visão de Fontana (2010), os materiais didáticos do Programa IAB levam os alunos a treinar, tracejar e decodificar. Nessa perspectiva, as aulas mostram-se prontas e acabadas, em que as atividades são realizadas em horários determinados, isso tem como objetivo levar os alunos a serem alfabetizados mediante o método fônico, na repetição de sons e de palavras totalmente fora de contexto.

As professoras foram questionadas sobre o êxodo ou fracasso na alfabetização de alunos, após ministrarem nos três níveis escolares e obedecendo a todas as diretrizes do programa.

Dessa forma, percebeu-se que, aquelas que se mostraram insatisfeitas com o programa foram categóricas em dizer que não há possibilidade de alfabetizar apenas utilizando as metodologias já divulgadas; a que se mostrou indiferente afirmou que “nem sempre” se alfabetiza e a que se mostrou satisfeita disse que “sim”, que seria possível, mesmo por meio de adaptações. É bom lembrar que todas as professoras utilizam outros métodos, metodologias e matérias que possam auxiliá-las em suas aulas.

Sobre a possibilidade de se alfabetização no programa em estudo, vejamos esta resposta:

Professora C - Pré-II:

Não. Porque o processo de alfabetização é complexo e vai além dos livros (letras/números). É imprescindível inserir atividade lúdicas (música e movimento) na rotina escolar da educação infantil, para desenvolver as habilidades psicomotoras que precedem a leitura e a escrita.

Nessa visão apresentada, um aspecto de suma importância mencionado por essa professora, trata-se da aplicabilidade da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem, já que o lúdico proporciona a abertura para o conhecimento, pois é com as brincadeiras que as crianças se sentem motivadas para aprender, o que torna essa trajetória até mesmo imperceptível e de troca contínua quando aplicada ao brincar.

Antes de se fazer o uso do método de ludicidade, o professor deve buscar algum conhecimento, observando o ambiente, a realidade e usando sempre de muita criatividade.

Muitos professores se mantêm na inércia de não aplicar o lúdico em suas aulas, não porque falte material adequado para tal situação, mas por conta do seu grau mínimo de criatividade. Por isso que Schultz, Muller e Domingues (2006) afirmam:

Uma proposta lúdico-educativa torna-se um desafio à prática do professor, pois além de selecionar, preparar, planejar e aplicar os jogos precisa participar no decorrer do jogo, se necessário jogar, brincar com as crianças, mas sempre observando, no desenrolar, as interações e trocas de saberes entre eles (SCHULTZ; MULLER; DOMINGUES, 2006, p. 5).

Durante estas análises, observou-se a presença de alguns fantoches em sala de aula, entretanto não houve interesse da professora pesquisada em utilizar de sua criatividade ou do material já existente, mesmo que considere primordial o uso do lúdico na rotina de crianças da educação infantil.

Dois conceitos já teorizados neste trabalho foram apresentados nas entrevistas, um sobre o entendimento do que vem a ser o processo de alfabetização, e outro sobre os métodos de alfabetização, estas são as respostas:

Professora A - Pré-I e Pré-II: “alfabetização é o objetivo alcançado na área de leitura, escrita e significado das palavras. Os métodos são os meios para atingir esse objetivo”.

Professora B - Pré-I e 1º ano: “alfabetização é o processo de aprendizagem no que diz respeito à leitura e escrita. Os métodos de alfabetização são os meios para conseguir alcançar o objetivo principal que é ler e escrever”.

Professora C - Pré-II: “processo que desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira adequada e utilizar como código de comunicação com o meio. Conjunto de estratégias utilizadas na construção do processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita.

Professora D – 1º ano: “é o processo de aprendizagem que permite ao indivíduo adquirir habilidades de leitura, escrita. Os métodos são formas que permitem adquirir tais conhecimentos”.

Observou-se a similaridade dos conceitos apresentados, com exceção da professora A que vai mais além de não relacionar o processo de alfabetização somente a leitura e a escrita, mas adentra ao nível do significado, ou seja, no nível da compreensão.

Em crítica aos PCNs, Oliveira (2005, p. 376) menciona a respeito da fuga desse documento em definir o que seria a alfabetização, e quando o faz, “confundem leitura com compreensão, escrita com produção de textos”. Para esse autor, ler significa identificar automaticamente as palavras, enquanto escrever significa representar os sons da fala e “ambas envolvem a capacidade de decodificar fonemas em grafemas e vice-versa” (OLIVEIRA, 2005, p. 377).

Assim, Oliveira (2005) compreende que:

O aluno, mesmo depois de ser considerado alfabetizado, ainda precisa e pode desenvolver fluência de leitura e escrita. Também precisará desenvolver sua capacidade ortográfica – que são competências próprias da alfabetização. Mas já alcançou um nível básico que lhe permite funcionar numa segunda série, ou seja, usar a leitura e escrita para aprender – ao invés de aprender a ler e escrever. O processo da alfabetização, como tal tem princípio, meio e fim: não é um processo permanente. E portanto pode ser avaliado de forma precisa. **Já a compreensão e a capacidade de produção de texto são competências que nem começam nem terminam na escola.** Antes da escola e ao longo da vida aumentamos nossa capacidade de compreender e escrever em função do desenvolvimento de nossa capacidade mental e dos conhecimentos que adquirimos sobre os vários assuntos sobre os quais lemos ou escrevemos (OLIVEIRA, 2005, p. 380 – grifos nosso).

Concordamos com Oliveira (2005) quando menciona sobre o nível de compreensão e de produção de textos estão além do processo de alfabetização escolar, uma vez que o término desse período não dá direito à criança de decodificar todas as palavras de uma língua ou de texto em grau maior de complexidade, impedindo a compreensão por falta de fluência.

Foi unanimidade pelas professoras pesquisadas em relatar que o método fônico surte efeito positivo e é confiável, todavia deve haver mudanças no programa e adequações à realidade escolar, além disso as exigências da secretaria fazem com que hajam reclamações e desmotivações quando ao melhoramento do ensino e da aprendizagem.

Portanto, nenhum método é autossuficiente no processo de aquisição da leitura e da escrita, por isso é necessário que os profissionais que atuam nessa área sejam capazes de mesclar as teorias aprendidas e utilizá-las, em conjunto, para criar uma forma eficaz de alfabetização, no entanto isso só será possível em meio a uma trajetória de erros, mas que moldará a prática futura para um bem-comum: uma alfabetização que surtam os efeitos desejados a crianças em idade correta.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com o que foi analisado nas respostas das professoras alfabetizadoras quanto participantes do Programa Alfa e Beto, percebe-se da necessidade de trabalhar a perspectiva do método fônico para a aquisição da consciência fonêmica e outros métodos paralelos como o de silabação, soletração e ludicidade.

Em virtude disso, é de crucial importância que professores alfabetizadores compreendam melhor e saibam construir a aprendizagem durante o seu fazer docente, buscando não somente criticar o que há de mais frágil em um método A ou B, ou ainda taxá-los de tradicionais ou em desuso, mas buscar extrair o que há de melhor e de mais usual para a sua realidade em sala de aula quando à sua sistematização metodológica, independente da teorização do método.

A limitação do Programa Alfa e Beto foi bem explicada nos seus materiais didáticos idealizados pelo fundador do IAB que, tendo plena consciência quanto à aplicabilidade de sua literatura, não hesitou de informar nos manuais que a consciência fonêmica não consegue levar a criança a um grau elevado do nível de compreensão e de produção de textos da sua língua, não obstante foi relatado sobre a aquisição do princípio alfabético, já que a alfabetização consiste em um processo que diverge da vida escolar e pode perdurar até o aluno adquirir essas habilidades linguísticas.

Por fim, a contribuição do programa em estudo é incontestável, visto que os alunos participantes da escola pesquisada possuem um grau mais elevado de consciência fonêmica que os fazem distinguir com facilidade da relação existente entre o som e o grafema. Todavia, tal programa deve adequar ainda mais as suas metodologias à realidade dos alunos, ao contexto no qual estão inseridos, na promoção de atividade que sejam mais prazerosas e permitam o despertar da curiosidade e da criatividade dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C. de. Conceituando alfabetização e letramento. *In*: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-21.

CAMINI, P. Normalizando as escritas infantis: a caligrafia do alfa e beto. **Revista Travessias**. v. 4, n. 2, p. 1-19, 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4113/3276>. Acesso em: 05 jun. 2020.

FONTANA, C. R. D. **Diferentes propostas de alfabetização: um olhar crítico**. 2010 Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35816/000815460.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jun. 2020.

KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MOOJEN, S. *et al.* **Consciência fonológica: instrumento de avaliação sequencial – CONFIAS**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MORAES, J. J.; OLIVEIRA, J. B. A. **Alfabetização: em que consiste, como avaliar**. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2015.

MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como alfabetizar letrando? *In*: ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. **Alfabetizando jovens e adultos letrados: outro olhar sobre a educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 59-76.

MORTATTI, M. R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. *In*: SEMINÁRIO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, 2006. Conferência. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Enfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em: 09 jun. 2020.

OLIVEIRA, J. B. A. **Alfabetização de crianças e adultos: novos parâmetros**. 5. ed. Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2004.

OLIVEIRA, J. B. A. Avaliação em alfabetização. **Página Aberta**. v. 13, n. 48, p. 375-382, jul./set. 2005. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n48/27556.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

OLIVEIRA, J. B. A. **ABC do alfabetizador**. 7. ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2008.

OLIVEIRA, J. B. A. **Manual de consciência fonêmica**. 10. ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2010a.

OLIVEIRA, J. B. A. **Programa alfa e beto pré-escola: chão de estrela: manual do professor**. 9. ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2010b.

OLIVEIRA, J. B. A. **Manual de orientação do programa alfa e beto**. 10. ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2011.

SCHULTZ, S.; MULLER, C.; DOMINGUES, A. A ludicidade e as suas contribuições na escola. **Jornada e Educação**. Centro Universitário Franciscano. v. 87, p. C3, 2006. Disponível em: <http://unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/A%20LUDICIDADE%20E%20SUAS%20CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES%20NA%20ESCOLA.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2020.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos**. São Paulo: Pátio, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 13, 34, 38, 88, 104, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 161, 162, 172, 197

Apoio Universitário 234

Atividade Formativa 150

B

Bullying 105, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

C

Competências Digitais 156, 157, 160, 165

Comunidade Escolar 28, 30, 32, 34, 53, 57, 58, 59, 60, 113, 114

Consciência Fonológica 142, 143, 148

Coordenação Pedagógica 113, 114, 117, 119, 221, 232

Currículo 15, 28, 29, 30, 35, 107, 121, 123, 124, 126, 130, 138, 152, 194, 198, 203, 205, 223, 226, 233, 250, 251

D

Direito à Educação 39, 40, 41, 51, 201

E

Educação Básica 15, 29, 53, 64, 66, 67, 68, 70, 73, 74, 76, 85, 86, 88, 99, 101, 104, 109, 110, 111, 151, 165, 172, 179, 247, 249, 250, 252, 255, 256

Educação do Campo 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 76, 77, 79, 86, 88, 89

Educação Inclusiva 1, 62, 90, 91, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 166, 195, 201, 203, 205

Educação Profissional e Tecnológica 97, 173, 243, 244, 245, 249, 251, 256

Ensino na Saúde 206, 207, 208, 212, 215, 216, 217

Escola do Futuro 167

Escola Sem Partido 39, 40, 48, 51

F

Financiamento 76, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88

Formação Continuada dos Professores 2, 67, 68, 69, 160

Formação de Professores 1, 7, 12, 30, 32, 65, 66, 67, 71, 73, 74, 76, 79, 101, 102, 110, 111, 151, 153, 158, 162, 164, 165, 173, 184, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 205, 208, 219, 233, 234, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 256

Formação Docente 2, 1, 2, 5, 17, 24, 31, 66, 70, 75, 76, 87, 99, 111, 150, 151, 152, 156,

159, 160, 195, 196, 198, 201, 203, 204, 206, 232, 248, 254

Formação Pedagógica 234, 243, 244, 245, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 256

G

Gestão Democrática 12, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 256

I

Inclusão Digital 36, 165, 172, 173, 182

L

Liberdade de Ensino 39, 40, 41, 42, 43, 49, 50

Língua Brasileira de Sinais 91, 195, 196, 197, 199, 202, 203, 204, 205

Literacia Digital 156, 158, 161, 165

M

Mediação Integral 234

Memórias 34, 220, 222, 223, 225, 226, 228, 229, 230, 232

Mestrado Profissional 206, 207, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219

Metodologias Inovadoras 127, 168

Mídias Sociais 46, 185, 187, 188

M-Learning 156, 158, 162, 163, 164, 165

N

NAPNE 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97

Narrativas 26, 52, 57, 58, 62, 97, 225, 226

O

Orientação Pedagógica 234

P

PARFOR 150, 151, 153, 154

Periódicos 74, 150, 151, 152, 153, 154, 257

Pesquisa 4, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 21, 35, 36, 37, 41, 45, 61, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80, 81, 84, 87, 88, 89, 90, 103, 109, 110, 112, 116, 120, 121, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 144, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 162, 174, 178, 179, 185, 186, 189, 193, 194, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 224, 225, 234, 235, 241, 242, 245, 247

Políticas Públicas 11, 12, 30, 65, 66, 76, 84, 90, 97, 107, 112, 126, 244, 254, 256

Portal do Professor 99, 102, 103, 107, 108, 109, 110, 112

Prática Docente 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 47, 69, 99, 102, 110, 121, 132, 134, 158, 159, 162, 165,

194, 207, 224, 254

Primeira Infância 137, 220

Professor Pesquisador 1, 5, 6, 7, 151, 153, 154

Psicologia Escolar 99, 100, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 111, 112

S

SEDUC 9, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36

T


Tecnologias Digitais Educacionais 167


Y


Youtube 22, 46, 63, 101, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 194


Formação Docente: Experiências Metodológicas, Tecnológicas e Práticas



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


 **Atena**
Editora

Ano 2021


Formação Docente: Experiências Metodológicas, Tecnológicas e Práticas



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021